

Federação das Organizações e Comunidades Indígenas do Médio Purus – FOCIMP



Nova cartografia social da Amazônia

Terras Indígenas de Tapauá

Lutando por uma vida melhor
Paumari, Apurinã, Mamori, Deni

45

Amazonas





Integrantes da Oficina de mapas realizada na cidade de Tapauá, foto de Willas Dias da Costa, em janeiro 2012

© UEA-Edições – Manaus, 2013

Coordenação do PNCSA
Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia
Alfredo Wagner Berno de Almeida
NCSA/CESTU/UEA, PPGAS/UFAM

Equipe de pesquisa
Ana Carla Bruno INPA/NEPTA/PNSA/PPGAS/UFAM
Thereza Cristina Cardoso Menezes NEPTA/PPGAS-UFAM
Willas Dias da Costa

Edição
Thereza Cristina Cardoso Menezes NEPTA/PNCAS/PPGAS-UFAM
Willas Dias da Costa NEPTA e PPGAS/UFAM

Apoio técnico
Luciene Pohl Projeto Aldeias
Luiz Fernandes de Oliveira Neto Projeto Aldeias

Fotografias
Willas Dias da Costa NEPTA/PPGAS-UFAM
Luciene Pohl

Cartografia
Roni Von Cacais de Lira

Projeto gráfico e editoração
DESIGN CASA 8

Integrantes da Oficina de mapas realizada na cidade de Tapauá entre 26 e 28 de janeiro de 2011

São João: Aldio Francisco, Apurinã; Marcos Batista, Apurinã; Cleonice Batista, Apurinã; Paulo Souza da Silva, Apurinã.

Açai Rio Cunha: Sebastião Gomes de Almeida, Paumari.

Ponta do Evaristo: Louro Alves Corrêa, Paumari; Domozo Alves dos Santos, Apurinã; Denize S. Chaves, Paumari; Alcicleide Santana da Rocha, Apurinã.

Bela Vista Rio Ipixuna: Raimundo dos Santos, Mãmuri; Maria Raimundo, Deni; Cícero de Araújo, Mômury; Antônio de Araújo, Mômury.

Castanheirinha: Raimundo de Souza Menezes, Paumari; Sebastião de Souza Menezes, Poumory; Francisco Adolfo da Silva, Poumory; Angelito de Lima da Silva, Paumari.

São José: Adalberto Barboza, Apurinã.

Tapauá: Raimundo Ramos da Silva, Apurinã; Eziel Batista de Souza, Apurinã; Marivaldo da Silva, Apurinã; José Alves dos Santos, Paumari.

São Sebastião: José Calos, Apurinã.

Santo Antônio: Tomaz Inacio Batista, Apurinã; Gilberto Batista, Apurinã; José Antônio Batista, Apurinã.

Vila Nova: Moises B. Cunha, Manaus.

Samaúma: Orlando Inácio, Apurinã.

Funai/ CR.PURUS: José Batista da Silva Amaral, Apurinã; Marco Mitidieri, Apurinã; Edilson Pinheiro, Apurinã.

Terra Nova: Valdimiro, Apurinã.

Zona Rural: Meireles Batista de Macedo, CTP/Tapuá.

N935 Nova Cartografia Social da Amazônia : Terras indígenas de Tapauá (AM) : lutando por uma vida melhor (Paumari, Apurinã, Mamori, Deni) / coordenação do projeto, Alfredo Wagner Berno de Almeida ; equipe de pesquisa, Ana Carla Bruno, Thereza Cristina Cardoso Menezes, Willas Dias da Costa. – Manaus : UEA Edições, 2013.

12 p. : il. color. ; 25 cm. – (Movimentos sociais, identidade coletiva e conflitos ; 45)

ISBN 978-85-7883-245-2

1. Conflitos sociais. 2. Organizações sociais. 3. Índios – Tapauá (AM). 4. Movimentos sociais. 5. Cartografia. I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Bruno, Ana Carla. III. Menezes, Thereza Cristina Cardoso. IV. Costa, Willas Dias da. V. Série.

CDU 528.9:316.48(811.3)

Um pouco da nossa história

“O meu sogro conta que era Mamori o que nós éramos mesmo. E os Mamori tem todo um sistema de nome. Descobrimos que o povo mora lá pra cima, o nosso povo, o meu avô, bisavô, tataravô. Lá tinha muita matrinxã, matrinxã do mamori. Eles cantavam em mamori quando eles iam chegando, eles arengaram por causa do cachorro, porque um cachorro mordeu um dos Mamori. Os Mamoris mataram o cachorro, aí se revoltaram contra os mamori e por isso morreram muitos, só que eles baixaram de dentro do igarapé que chama igarapé do mamori, aonde tem outra aldeia da nossa família. A família era grande, houve outra briga e saíram de lá e vieram pro mocó. No mocó aconteceu a derradeira briga”. Gilberto Batista Apurinã, Aldeia Santo Antônio, TITauamirim



FOTO: LUCIENE POHL

Moradia de indígenas nas Terras

Atendimento diferenciado para os indígenas na cidade

“O atendimento chegou na aldeia, a prioridade é do aldeado. Na cidade tem que aguardar, primeiro tem que dar o espaço para aldeados, depois aqueles que moram na cidade podem receber atendimento. Esse foi o acordo que foi feito, então eu acredito que tem muitos indígenas que ainda não tem acesso de atendimento na CASAI. Para melhorar a situação do atendimento médico, tanto quanto da educação na terra indígena demarcada, eu acho que nós temos que lutar. Eu morava na aldeia, agora trabalho na cidade. Eu tô morando na cidade e vamos tentar chegar lá conversando. Qual a prioridade que os índios da cidade têm? Porque na cidade não vai ter mesmo, sabe que não vai ter. E de que forma que a gente vai ter outras formas de atendimento. “Falo do atendimento de saúde, pois na educação, a gente nem fala, porque já estamos estudando aqui.

O problema da cidade é a questão da saúde, porque hoje o pessoal se recusa a nos atender. Os indígenas tem que ser atendido nos postos e eles são, mas lá ele encontra fila e às vezes quem está na cidade também é atendido. Nós passamos por isso, nós somos discriminados. Só nos atendiam se quisessem, se não quisessem, inclusive, você podia morrer ali”. Sebastião indígena, Bairro Açai



FOTO: WILLAS DIAS DA COSTA

Centro da cidade de Tapauá, janeiro 2012

A questão da educação indígena

“Cada dia tem mais indígena deixando a própria aldeia por motivo de lá ter uma educação de péssima qualidade. Porque ele estuda, entra ano e sai ano, e ele fica parado no mesmo estado. E alguns indígenas estão deixando suas aldeias para trazer seus filhos para estudar na cidade para poder ver se tem mais algum estudo, capacitar, terminar o estudo dele. Hoje nós estamos aqui em Tapauá, bem dizer que nós estamos muito atrasados, não tem um índio capacitado aqui, nenhum indígena capacitado. A não ser esse aqui, o irmão dele e mais umas pessoas que estão estudando aqui e tem uma leitura um pouco mais adequada. Mas a maioria precisa terminar o



Sala de aula de uma escola indígena, janeiro 2012



Indígenas trabalhando na preparação de farinha

estudo, precisa se capacitar para que a gente venha a ter um indígena na faculdade, ter um indígena como técnico de enfermagem. Nós estamos deixando muita coisa de educação de lado, o mais importante a gente tá deixando, esquecendo, não estamos reivindicando. O que tem que ser melhor é ter professor com segundo grau, pra que ele ensine bastante às crianças, para que elas possam saber ler e escrever". Sebastião, indígena Bairro Açai

"E os professores que tão lá só tem direito de dar aula só pros brancos. Os indígenas não pode isso? Por isso que o pessoal da minha família esse ano vai colocar os filhos tudo pra estudar na cidade, porque os professores que estão lá só dão aula pros brancos. Os indígenas não podem estudar pra lá porque eles não querem, esse aqui foi uma vez lá e quiseram até bater nele. E nós? O que a gente vai fazer, nós que somos os indígenas e somos da terra". Domozo Alves dos Santos, Apurinã, Ponta do Evaristo

Cultura e conhecimentos

"A nossa cultura tá lá na aldeia. A cultura a gente vai lá, manda pegar peixe, mata caça, convida os parentes passar a noite festejando, dançando, uma cultura tradicional só do local. A gente convida aqui de outra aldeia pra participar junto, então é essa é nossa cultura. Ela tá lá na aldeia, mas também é importante pra nós a cultura, porque a gente faz um encontro muito importante pra conhecer os amigos, conhecer os parentes. Meu pai já tá velho, ele já pegou derrame nesses dias, mas nós ficamos com essa cultura. Nós temos rapé, tem batuque, nós temos a acutanta do mato, peixe assado, caçuma. A acutanta é a mistura do rapé, uma casca de madeira, essa é uma cultura nossa, uma mistura, então tudo isso que é dos nossos pais, nossos avós, significa o tradicional que vai ficando". Valdimiro Farias da Silva, TI Itixi Mitari

"A maioria não fala mais, mas aqui em Tapauá, São João, Santo Antônio, São Sebastião, Vila Nova, Terra Nova, toda essa região que fala apurinã não fala português direito. Hoje só tem gente nova, os velhos mais antigos já estão se acabando, então vai ficando com os mais novos, estamos começando a preparar uma cultura pra nós. A cultura é muito importante, é a nossa tradição, mas existe muito preconceito. O branco vai lá e diz: "- rapaz tu não pode fazer isso", tem que pensar dentro da cultura do branco. Então isso eu acho um pouco errado, pois os nossos filhos vão ficando envergonhados da tradição, porque o branco fala isso". Cleonice Batista, Apurinã, São João

"Na nossa região não tem missionário, então é por isso que a gente ainda segura a cultura. Hoje nós temos terreiro, tem xinguelé, nós somos xinguelé no dia de festa, tem separação e a dança. Tudo a gente tem, então é isso que a gente tem que ter cuidado para não perder". Valdimiro Farias da Silva, TI Itixi Mitari

"O governo que for deveria olhar e trazer o conhecimento para os indígenas. Saber como que a gente pode investir, porque hoje tudo é fruta, e até quem é do governo não conhece as frutas



Mulher indígena trabalhando na produção de farinha

tão isso é que esse pessoal tem que conhecer e nós indígenas estamos preocupados por não ver isso". Gilberto Batista Apurinã, Aldeia Santo Antônio, TI Tauamirim

Invasões

"Hoje estamos enfrentando muitos problemas também dentro de nossa área de invasão, pescador, madeireiro e de várias outras coisas do ribeirinho. A gente tá morando pra cá e ali fica o rio. Quando a enchente alaga isso aqui vira igapó e tem muito lago. Os peixeiros entram e pescam aqui dentro e tiram muitos peixes. A gente tá morando aqui e não tá sabendo de nada. Às vezes acontece do ribeirinho que mora aqui na boca também arrendar pra eles e acontece isso que a gente não tá sabendo por que a gente tá lá pra dentro". Orlando Inácio, Apurinã, Samaúma

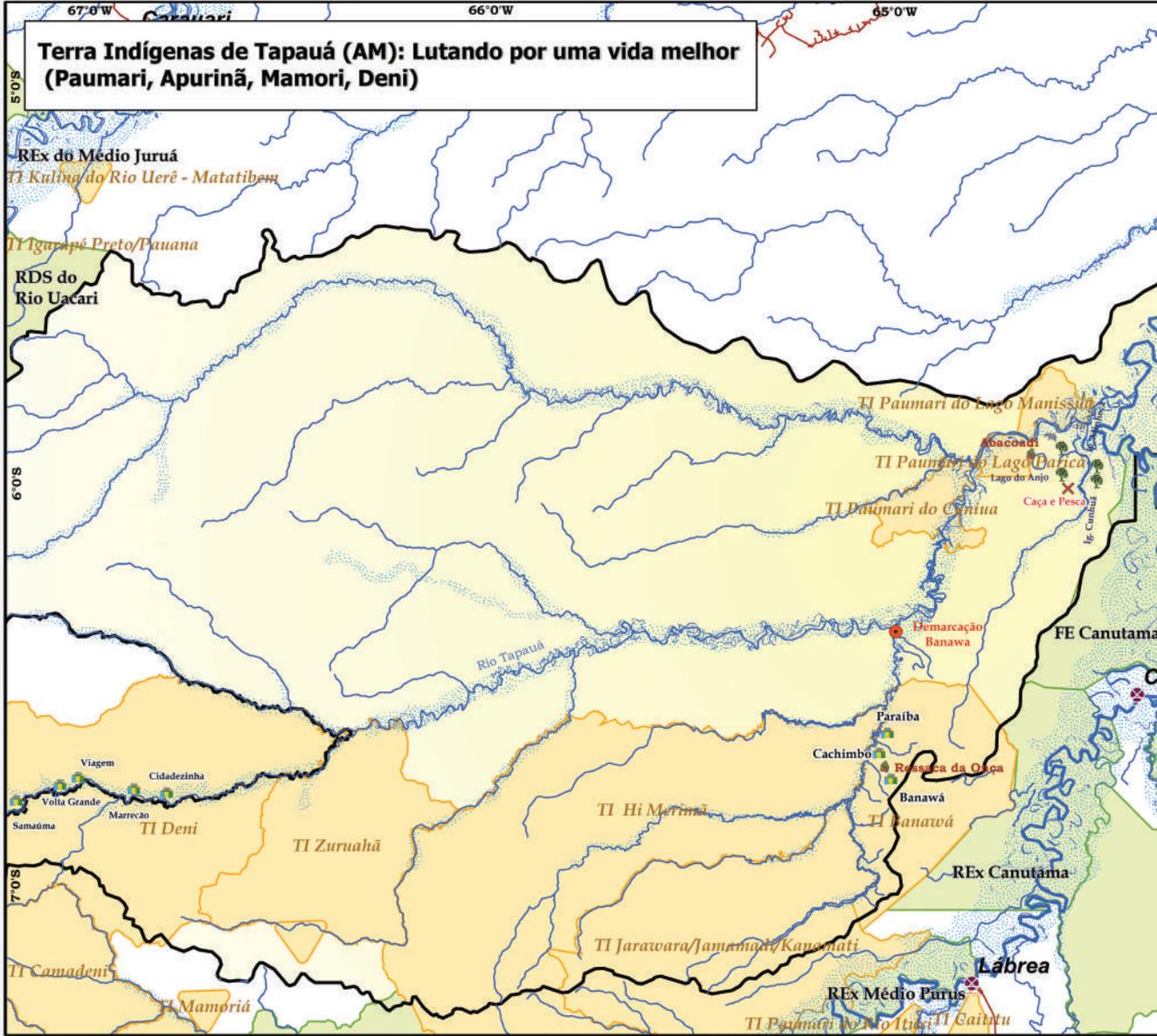
"O Igarapé São João, Igarapé do Manoel, Lago São Raimundo, o pessoal invade muito o lago, por aqui tem muita invasão. Aqui tem muito madeireiro que tira muita madeira. A gente fala, mas o pessoal não respeita a gente, não liga. Isso aqui foi uma briga muito grande, nós brigamos muito, isso aqui foi uma invasão muito grande, invasão de caçador, gente que tira madeira, isso aqui é área indígena e é nossa também. Nós tomamos quatro armas por causa disso e a polícia entrou na nossa área sem autorização da FUNAI, a polícia invadiu. Aqui em Tapauá, a polícia entrou aqui invadindo nossa área, por causa disso, de muito pescador aqui, acabou o peixe. Essa é nossa luta pelo nosso direito". Marcos Batista, Apurinã Aldeia São João

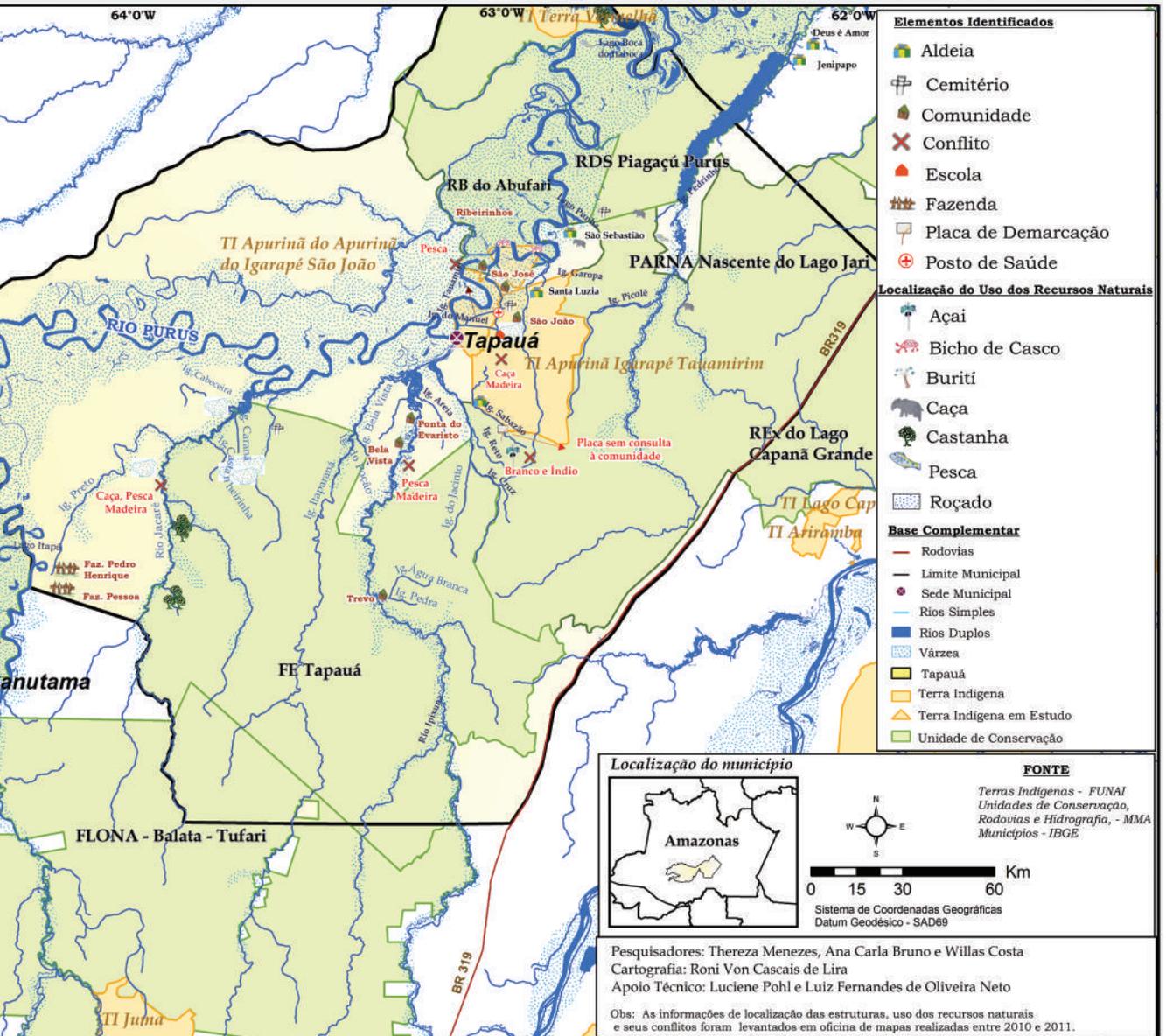
"Próximo de onde eles estão, bem próximo mesmo, tem uma comunidade de branco que mora aí dentro, sabe? Então essa é a questão. Esses brancos que moram aí dentro que tiram a madeira, que levam alguém pra tirar estão muito pertinho da gente. Essas aqui são as bananeiras, as árvores de ingá, o açaí, as pupunheiras, aqui os pezinhos de cupuí, esse aqui são os abacaxis. Os poucos peixes que sobram pra gente pescar, ninguém pode pescar. A gente vive cercado e tá acabando tudo. Até as fruteiras mesmo que dá fruto eles serram. Os piquiá que é pros filhos da gente comer, as frutas eles serram tudo pra tirar madeira, não tem condições. Botam até malhadeira dentro do lago". Louro Alves Corrêa, Paumari, Ponta do Evaristo

"Próximo de onde eles estão, bem próximo mesmo, tem uma comunidade de branco que mora aí dentro, sabe? Então essa é a questão. Esses brancos que moram aí dentro que tiram a madeira, que levam alguém pra tirar estão muito pertinho da gente. Essas aqui são as bananeiras, as árvores de ingá, o açaí, as pupunheiras, aqui os pezinhos de cupuí, esse aqui são os abacaxis. Os poucos peixes que sobram pra gente pescar, ninguém pode pescar. A gente vive cercado e tá acabando tudo. Até as fruteiras mesmo que dá fruto eles serram. Os piquiá que é pros filhos da gente comer, as frutas eles serram tudo pra tirar madeira, não tem condições. Botam até malhadeira dentro do lago". Louro Alves Corrêa, Paumari, Ponta do Evaristo



Local de plantação de indígenas. Problemas de invasão em Terras Indígenas, janeiro 2012





Conflitos com ICMBio

“Aqui é onde tem placa do ICMBio. Ai a gente ficou achando muito estranho, porque eles entraram lá, bem no igarapé que a gente mora, aqui. A gente achou estranho porque bem onde a gente mora, bem aqui assim na nossa aldeia. Foi estranho porque entraram nesse igarapé, não pararam lá, não pediram permissão pra colocar as placas, a gente ficou achando muito estranho, um desrespeito isso. Agora esse ano, a gente falou que ia tirar as placas e a gente tirou mesmo”. Maria Raimundo, Deni, Bela Vista Rio Ipixuna

“Algumas placas do ICMBio estão lá, mas não pediram autorização e não teve consulta para colocar essas placas. O ICMBIO não esclareceu nada pra gente, eles passaram bem lá na beira da aldeia e deviam ter parado lá e falado pra ele que iam colocar as placas lá dentro, mas não nos falaram nada. Entraram lá e colocaram as placas. Eles tinham que pedir autorização para nós pra poder colocar as placas e eles nunca pediram”. Cicero de Araújo, Mômury, Bela Vista Rio Ipixuna

“A gente foi atendido pelo ICMBio, pelo parque Nacional e pelo INCRA. Foi loteada a terra, nós não sabemos se é pra negociar ou não. Só sabemos que estamos naquela terra plantando pra criar nossos filhos do mantimento, do peixe, da carne. O INCRA fez demarcação dentro da nossa terra. A gente se preocupou como está a área. Porque foi criado esse projeto? Eu não sei dizer, mas ficamos muito preocupados”. Maria Vania, Aldeia Sabazinho

“Aqui é o rio Purus e a Reserva Biológica do Abufari. Aqui é a praia. Então aqui é a divisão do ICMBio, a divisão de área indígena e ICMBio. Então nossa demarcação é o rio aqui. Agora aqui o igarapé São João, esse aqui é outro braço, cabeceira do rio São João, o igarapé do São João tá aqui, o igarapé do Manuel. Ali é a terra indígena do São João, nós moramos na Terra Indígena, mesma área daqui com lago e o pessoal invade muito o lago, entendeu? São Raimundo, aqui tem muita invasão. Aqui tem muito madeireiro, o pessoal tira muita madeira, gente de fora não respeita, gente de fora que vem da cidade. Aqui nós brigamos muito, isso aqui é uma invasão muito grande, caçador, tira madeira, essa área aqui, nós tomamos arma, quatro armas. Quando nós tomamos a arma, a polícia e o juiz mandou a polícia entrar na nossa área, sem a objeção da FUNAI. A polícia nos invadiu”. Marcos Batista, Apurinã, Aldeia São João

Demarcação das Terras Indígenas e Uso dos Recursos

“Então aqui é o Terra Nova, nossos parentes. Essa terra aqui ela tem aproximadamente mais ou menos ou doze aldeias dentro dessa área. A terra maior é onde estamos. Os parentes apurinãs moram aqui pra baixo. Hoje essa terra é onde pescamos, um igarapé e um lago aqui, é onde o pessoal planta misturado com índio. A maioria é branco, nesse flutuante que tá aqui, essas pessoas que tão aqui dentro atuam nesse pedaço. Então minha preocupação é que estão ultra-



FOTOS: WILLAS DIAS DA COSTA

Indígenas utilizando lagos para pesca e atividades domésticas, janeiro 2012



Placas colocadas pelo ICMBio sem consulta de indígenas. Foto, janeiro 2012



Limites das áreas indígenas com a Reserva Biológica Abufari, problemas com ICMBIO na busca de recursos básicos, janeiro 2012



Indígenas em preparação para atividades do dia, janeiro 2012

passando a terra. Minha preocupação é das muitas pessoas que estão nascendo, tá crescendo a comunidade cada vez mais. Nós estamos utilizando esse pedaço que ficou aqui e certamente que pra cá é uma terra grande, então essa comunidade tá crescendo, a estrada da demarcação cortou esse igarapé então ela passou no final desse igarapé. Hoje a gente ficou preocupado com isso dentro desse rio que também moramos, pois lá tem invasão também do próprio parente que é misturado com índio. Hoje eu estava falando pro Edilson que vem gente de Beruri, parente lá de Beruri vem pescar aqui dentro. Muitas gente diz que o parente da cidade é priorizado, é verdade, é priorizado sim, mas ele tem que respeitar os indígenas que tá dentro da aldeia, eu acho assim. Quando chega um parente lá de Beruri com dez caixas de gelo dentro da comunidade, quem tá preservando é os indígenas que tá dentro da aldeia, quem tá cuidando é o indígena da aldeia. Tá certo que o indígena da cidade é priorizado também, mas não assim, eles vem da cidade, vem pegar o peixe aqui dentro e levar pra fora, então pela metade tá tirando a riqueza que tá aqui e leva pra cidade, mas somos nós quem conservamos". Valdimiro, Apurinã, Terra Nova

"Nessa aldeia no aflente do rio Jacaré, que é onde estavam muitos indígenas, o branco era um dos proprietários. Os índios já moravam lá, então o maior dos problemas que eles encontram é discriminação, pois eles não têm direito à terra, ao rio, aos igarapés e os indígenas enfrentam muitas dificuldades. Acho que não estou lembrado, alguns parentes lembram que tinham uns caciques que lutavam pra demarcar essa terra e demorou. O cacique lutou, reivindicou, buscou pra que essa terra fosse demarcada e ela não foi demarcada, acharam que isso não ia pra frente então não reivindicaram mais, ficaram desmobilizados, sem poder fazer nada e ficaram assim, enfrentando estas dificuldades a discriminação. Alguns até mesmo foram massacrados, foram furados por esses brancos e então maior parte dos indígenas já saiu de lá por que não aguentam mais, não querem mais ser ameaçados de morte. Hoje a população que existe já não é nem metade do que era e eles vivem aí, não precisam de apoio". Raimundo de Souza Menezes, Paumari, Castanheirinha

Criminalização ambiental sobre os indígenas

"O indígena não tem dinheiro pra comprar e nem nada pra se manter na cidade. Pois quando vêm da aldeia traz uma comidinha pra manter naquele dia e o IBAMA e ICMBio chega e não quer deixar passar mesmo que seja um quilo ou uns cinco quilos de carne. Eles não deixam passar, pois é proibido lá dentro da reserva e ele vai fazer a fiscalização". Gilberto Batista Apurinã, Aldeia Santo Antônio

"Tudo é fiscalizado pelo ICMBIO, não pode passar mais nada, não pode trazer mais nada de comer pra cidade, então esse é o problema que eu quero que algumas pessoas que dessem essa informação. Eu sou muito preocupado com isso. Eles tomam uma carne que compra pra seus fi-



Pupunha, fonte de alimentação dos indígenas, problemas com fiscalização no recolhimento de alimentos básicos



Indígenas Paumari na produção de farinha, janeiro 2012

FOTOS: WILLIAS DIAS DA COSTA

Ihos. Hoje em dia você sabe que ninguém é empregado, não tem trabalho, não tem nada pra sobreviver. A sobrevivência dele é vender um peixezinho, um cará, uma banana, a gente sobrevive mesmo é disso". Cleonice Batista, Apurinã, São João

"O IBAMA não quer deixar nada passar, tanto para os indígenas quanto para os ribeirinhos. Se matar e trazer queixada pra comer, eles não deixam. Então nós queremos uma informação ou então uma orientação, uma forma da gente passar, uma outra forma de o ICMBIO agir na fiscalização. Essa é a dúvida que a gente tem. Não teve orientação nenhuma porque às vezes o indígena pega uma caça pra comercializar e no meu entendimento uma queixada não é uma comercialização, pois é pra se manter com sua família. As vezes que a gente pega um tambaqui pra comer diz que não podia, só podia se medido uma metragem que eu nunca soube qual é, então tudo isso nós temos que procurar saber." Gilberto Batista Apurinã, Aldeia Santo Antônio



Flutuantes localizados no rio Tapauá, moradias de indígenas que se deslocam para a cidade de Tapauá

"Uma preocupação que a gente tem hoje é não que pode tirar madeira nas terras indígenas. Você sabe que é proibido se não tiver licença e você não pode trabalhar nela, mas a gente tem que ser orientado. Se é proibido, qual a maneira que o governo possui pra manter o indígena na terra indígena? Qual o pensamento do governo? É isso que a gente tá querendo saber, porque hoje só vem para a gente a proibição, só dá para o índio proibição, mas para o fazendeiro, madeireiro, os poderosos estão livres. Faz o que quer no silencioso. E só se fica de olho na terra indígena e se começa perseguir os indígenas e dizer que o índio não trabalha e quer a terra pra que? Mas a terra é nossa vida, não é destruir". Tomaz Inacio Batista, Apurinã, Santo Antônio

A falta de perspectiva nas aldeias

"A maioria sai da aldeia por causa disso, a vida na aldeia tá isolada, não aparece produção, não aparece renda, tem as proibições. Eu acho que a maioria acha que na cidade qualquer coisinha vende, pega até um emprego com branco, um empreguinho e sobrevive com isso. Temos várias comunidades, temos castanhal, mas dentro da aldeia não tem as castanhas, então a produção, às vezes nós tem a produção de fazer a farinha e nada mais, às vezes o cara chega aqui às vezes não compra porque é do índio". Valdimiro Farias da Silva, TI Itixi Mitari

O trabalho de mapeamento e a cartografia

“Meu nome é Manuel Pereira da Silva, sou da comunidade do Caju Preto esse mapa aqui foi feito rapidinho não ficou muito bonito não. Mas o importante é estar aqui na reunião. Aqui é a comunidade e a gente sobrevive é da produção do roçado, banana, açaí. Aqui tem também o igarapé, e aqui tem outro, aí que esta tendo invasão do pessoal da cidade pra pescaria, ninguém pode fazer nada também. A gente pede, mas eles falam que ninguém pode fazer nada porque a terra não é demarcada. A gente também acha importante este trabalho para poder mostrar isso”. Manuel Pereira da Silva, Comunidade Caju Preto



*Indígenas na construção de croquis.
Oficina de mapas na cidade de Tapauá, janeiro 2011*

Problemas

- Invasão para extração de pesca, madeira, castanha, caça e cipó;
- Falta de atendimento de saúde aos indígenas;
- Falta de medicamentos nas aldeias;
- Falta de transporte e radiofonia nas áreas habitadas por indígenas;
- Falta de material didático apropriado à educação indígena;
- Falta de poços artesianos nas aldeias.

Reivindicações

- Capacitação de agentes de saúde e professores indígenas;
- Postos de saúde nas aldeias;
- Presença de órgãos do Estado competentes no combate à invasão de pescadores, caçadores e madeireiros em terras indígenas;
- Mais atenção às denuncia encaminhadas pelos indígenas;
- Revisão dos limites de terras indígenas de Tapauá;
- Capacitação dos conselhos locais de saúde;
- Distribuição correta por parte das prefeituras dos recursos destinados aos indígenas.

CONTATO

FOCIMP – Federação das Organizações e Comunidades Indígenas do Médio Purus
Rua João Bosco de Lima Bairro da Fonte
69830-000 Lábrea AM
telefone 97. 9153-9482
focimp@yahoo.com.br

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

SÉRIE: Movimentos Sociais, Identidade Coletiva e Conflitos

- 1 Quebradeiras de coco babaçu do Piauí
- 2 Quebradeiras de coco babaçu do Mearim
- 3 Quebradeiras de coco babaçu do Tocantins
- 4 Quebradeiras de coco babaçu da Baixada Maranhense
- 5 Quebradeiras de coco babaçu do Pará
- 6 Quebradeiras de coco babaçu de Imperatriz
- 7 Quilombolas da ilha de Marajó
- 8 Quilombolas do Maranhão
- 9 Quilombolas de Codó, Peritoró e Lima Campos
- 10 Quilombolas atingidos pela Base Espacial de Alcântara
- 11 Quilombolas de Bujaru e Concórdia
- 12 Mulheres do arumã do Baixo Rio Negro
- 13 Grupo TucumArte – Artesanato de Tucumã
- 14 Quebradeiras de coco do Quilombo de Enseada da Mata – Bairro Novo
- 15 Quilombolas do Tambor, Parque Nacional do Jaú – Novo Airão, AM
- 16 Ribeirinhos da região do Zé Açú, AM
- 17 Piaçabeiros do Rio Aracá – Barcelos, AM
- 18 Mulheres artesãs – Indígenas e Ribeirinhas de Barcelos, AM
- 19 Quilombolas de Coelho Neto, Maranhão
- 20 Ribeirinhas da Várzea do Parauá e Costa do Canabuoca – Manacapuru, AM
- 21 Movimento das peconheiras e peconheiros da ilha de Itacoázinho, Igarapé Caixão e Igarapé Genipaúba – Baixo Acará, Pará
- 22 Ribeirinhos e agricultores do Lago do Cururu – Manacapuru, AM
- 23 Movimentos ribeirinhos e indígenas em defesa dos lagos e da vida do setor 01 Caité – Tonantins, AM
- 24 Povos do Aproaga – São Domingos do Capim, Pará
- 25 Luta dos quilombolas pelo título definitivo – Alcântara, MA
- 26 Trabalhadores agroextrativistas da reserva extrativista de Ciríaco, TO
- 27 A luta das quebradeiras de coco babaçu contra o carvão do coco inteiro – Bico do Papagaio, TO
- 28 Mulheres quebradeiras na defesa do babaçu contras as carvoarias – Médio Mearim, MA
- 29 Uso de recursos naturais em comunidades quilombolas de Santarém, PA
- 30 Ribeirinhos e ribeirinhas de Abaetetuba e sua diversidade cultural – Pará
- 31 Kuntanawa do Alto Rio Tejo – Alto Juruá, AC
- 32 Ribeirinhos, extrativistas e agricultores da Associação das Comunidades do Lago do Antonio – Humaitá, AM
- 33 Comunidades extrativistas da Resex Ituxi – Lábrea, AM
- 34 Quilombolas de Santa Fé – Costa Marques, RO
- 35 Comunidades Tradicionais de Democracia, Jatuarana, Pandegal, Santa Eva e Terra Preta do Ramal 464 – Manicoré, AM
- 36 Quilombolas, agricultores(as), quebradeiras de coco, pescadores do território de Formoso – Penalva, MA
- 37 Pescadores(as), agricultores (as) do Lago do Puraquequara e Jatuarana – Manaus
- 38 Associação Indígena Karapãna – Assika, Rio Cuieiras e Baixo Rio Negro, Manaus
- 39 Quilombolas de Monte Alegre – Médio Mearim, MA
- 40 Associação Indígena do Povo Pirahã do Amazonas
- 41 Movimento Kokama em São Paulo de Olivença, AM
- 42 Organização Kaixana Santo Antonio do Iça, AM
- 43 Povos Indígenas do Município de Lábrea, Amazonas
- 44 Povos Indígenas de Canutama, AM
- 45 Terras Indígenas de Tapauá, AM

REALIZAÇÃO



APOIO



ISBN 978-85-7883-245-2



9 788578 832452

